

A resistência literária da mulher preta na busca do seu lugar na universidade: análise discursiva da poesia *Universo das Saias*, de Elizandra Souza

The literary resistance of the black woman in search of her place at the university: discursive analysis of the poetry *Universo das Saias*, by Elizandra Souza

Liliane Rodrigues de Albuquerque Alvim

Universidade Federal do Espírito Santo

Liliane Rodrigues de Albuquerque Alvim

Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGEL – da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – (linha de Estudos sobre Texto e Discurso), especialista em Educação e Direitos Humanos pela mesma instituição (2017), especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES – (2012), graduada em Letras-Português pela mesma instituição (2020) e graduada em Tecnologia em Processos Gerenciais pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR – (2009). É integrante do Grupo de Estudos Sobre Discurso e Ideologia – GRUDI/UFES (CNPQ). ORCID: 0000-0001-8428-7632

Recebido em:
30/09/2022

Aceito em:
30/03/2023

JAN / ABR 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 50-65

RESUMO

Procuramos refletir neste artigo acerca da resistência política da mulher preta, a partir da literatura como meio de luta contra a segregação e a desigualdade, em um contexto brasileiro de fissuras socioeconômicas e de gênero, que relega historicamente a ela um lugar de constante tentativa de subjugação pela sociedade – heranças coloniais e patriarcais. O acesso à universidade se apresenta a essa mulher como uma das únicas formas de mobilidade social e de ocupação de espaços de poder, essencialmente preenchidos por homens brancos. Mobilizando noções da análise de discurso de Michel Pêcheux, de viés materialista, percebemos marcas na materialidade discursiva que apontam que a ferida da escravidão se encontra aberta e sangrando no Brasil, mas que existe, também, esperança de mudança a partir da educação universitária. Esses efeitos de sentido demonstram uma formação discursiva que não se enquadra na ideologia da extrema direita, dominante na época da publicação da obra, mas, apesar disso, percebemos no discurso da poeta fragmentos dessa ideologia em algumas escolhas lexicais, o que demonstra a efetividade do ideológico no assujeitamento dos sujeitos e a manutenção de uma (falsa) transparência de discursos machistas e conservadores, interessantes à classe dominante.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura escrita por mulheres. Resistência política. Análise de discurso

ABSTRACT

In this article, we seek to reflect on the political resistance of black women, based on literature as a means of fighting segregation and inequality, in a Brazilian context of socioeconomic and gender fissures, which historically relegates her to a place of constant attempt at subjugation by society – colonial and patriarchal legacies. Access to university is presented to this woman as one of the only forms of social mobility and occupation of spaces of

power, essentially occupied by white men. Mobilizing notions from Michel Pêcheux's discourse analysis, with a materialist bias, we perceive marks in the discursive materiality that point out that the wound of slavery is open and bleeding in Brazil, but that there is also hope for change from university education. These meaning effects demonstrate a discursive formation that does not fit the ideology of the extreme right, dominant at the time of the publication of the work, but, despite this, we perceive in the poet's discourse fragments of this ideology in some lexical choices, which demonstrates the effectiveness of the ideological in subjecting subjects and maintaining a (false) transparency of sexist and conservative discourses, interesting to the ruling class.

KEYWORDS

Literature written by women. Political resistance. Discourse analysis

1. Introdução

Clama, canta, encanta
De-cantaremos o preconceito
Até que ele reme para o longe.
(Elizandra Souza, 2021)

Este artigo tem como objeto de estudo o discurso literário escrito por mulheres e seu *corpus* é constituído por uma poesia – “Universo das saias” – escolhida a partir de um recorte que aborda problemas sociais e de gênero no Brasil contemporâneo, efetuado na antologia *As 29 poetisas hoje*.

Para a análise, utilizamos os pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, de Michel Pêcheux, na qual não se “[...] procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2020, p. 57).

Assim, nossos esforços se concentraram em compreender como os conflitos sociais e de gênero, existentes na atualidade, atingem as mulheres e se manifestam discursivamente na poesia escolhida.

Atualmente, no Brasil, as violações de direitos humanos às mulheres são uma realidade cotidiana e se apresentam de diversas formas, como o assédio moral e o sexual – em diversos contextos sociais, na submissão das relações de poder – pessoais e trabalhistas, tendo ápice trágico no feminicídio. Segundo Meneghel e Portella, “[...] as violências contra as mulheres compreendem um amplo leque de agressões de caráter físico, psicológico, sexual e patrimonial que ocorrem em um *continuum* que pode culminar com a morte por homicídio” (MENEGHEL; PORTELLA, 2017, p. 3079).

A exploração é outra face da desigualdade a que as mulheres são submetidas na sociedade, provavelmente a menos aparente, visto que “[...] a ausência de um salário a esconde” (FEDERICI, 2021, p. 23). Historicamente, as mulheres foram tratadas de forma desigual na sociedade: com subjugação, violência e exploração em jornadas duplas de trabalho profissional e cuidado desmonetizado da casa e da família, para que o capitalismo não deixasse de acontecer (FEDERICI, 2021).

No que se refere à sociedade brasileira, as desigualdades sociais de gênero e étnico-raciais marcaram sua constituição, o que permanece ainda

hoje e acontece de forma mais intensa nas vidas de mulheres negras e indígenas, o que as segrega e as marginaliza (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019). De acordo com a Oxfam (2017), em todo o mundo as mulheres ganham menos do que os homens. No Brasil, a desigualdade, retrato de uma subjugação histórica que vem de um passado intensamente caótico, não se tornou ainda ultrapassada em pleno século XXI. Tal estado tem gênero e cor: cerca de 38% das pessoas em condição de pobreza, e 40% em condição de extrema pobreza no país são de mulheres pretas ou pardas (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021).

Em relação à exploração, quando se nasce mulher, a responsabilidade com o cuidado de outrem já lhe é atribuída e permanece sendo reiterada no decorrer da vida até se consolidar, tornando-se, no decorrer do tempo, uma espécie de obrigação moral entrelaçada ao ser mulher, arraigada nos costumes e tornada um valor para a sociedade capitalista. Nesse sentido, Federici afirma que “[...] no que concerne às mulheres, nosso trabalho parece ser uma assistência pessoal, alheia ao capital” (FEDERICI, 2021, p. 23). Afirma ainda que “[...] o trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar de nossas crianças – futura mão de obra [...]” (FEDERICI, 2021, p. 28-29). Tiburi contribui com a reflexão ao asseverar que

[...] desde que nasce, não é um exagero dizer, uma menina está condenada a um tipo de trabalho que se parece muito com a servidão [...]. Em muitos contextos, lugares, países e culturas, meninas e jovens, adultas e idosas trabalharão para seu pai, os irmãos, para o marido, para os filhos (TIBURI, 2020, p. 14).

Tendo a responsabilidade pelo trabalho de cuidado com a casa e a família, as mulheres acabam por não ter tempo disponível para se dedicar às formações educacional e profissional, sendo obrigadas, assim, a renunciar às suas carreiras. Sem remuneração pelo trabalho efetuado com a casa e a família e sem salário por não terem uma colocação profissional, elas se tornam dependentes financeiramente dos maridos/companheiros em uma relação desigual de poder. O capitalismo e os homens, nessa perspectiva, são os beneficiados com o trabalho explorado das mulheres, cada dia mais pobres e ocupando cada vez menos espaços de poder.

Para as mulheres pretas, o panorama é ainda mais difícil: a pobreza no Brasil é preta e mulher. Vítimas da herança escravocrata brasileira e vivendo em um contexto de racismo estrutural velado e reafirmado socialmente no cotidiano, a desigualdade abissal brasileira as afasta das oportunidades em um país que vive da (falsa) transparência do discurso meritocrático. De acordo com a Agência IBGE Notícias, no documento *Síntese dos Indicadores Sociais*, 2020, “[...] as taxas de extrema pobreza e pobreza entre pretos e pardos eram de 7,4% e 31,0%, mais que o dobro das taxas observadas entre os brancos: 3,5% e 15,1%. Mulheres pretas e pardas tinham as maiores incidências de pobreza (31,9%) e extrema pobreza (7,5%)” (IBGE NOTÍCIAS, 2021).

A linguagem, neste quadro, foi e é historicamente instrumento dos seres humanos para denúncia e resistência às opressões, violações e explorações, também a partir da arte, seja a literatura, seja o cancionero, seja a

pintura, seja o teatro, seja a dança, seja o cinema, entre outras tantas manifestações artísticas humanas. Por meio da capacidade linguística, forma-se o grito ou se faz o silêncio, que, a partir do sentido, opõe-se ao que violenta, explora e oprime.

Dentro do exposto e com os olhos neste país hoje, onde desigualdade social, preconceito, misoginia, discurso e ações violentas contra as mulheres, bem como a ameaça de uma ruptura institucional pela força física têm sido atitudes pouco a pouco normalizadas na sociedade – não por todas as pessoas, nem sem luta, é preciso dizer, mas ainda assim, aceitas por uma parte considerável da população –, eis que surge mais uma vez Heloisa Burarque de Hollanda, 45 anos depois de organizar e publicar a antologia *26 poetas hoje*, obra que “[...] lançou a poesia marginal” (HOLLANDA, 2021b, p. 11) e é testemunho histórico-discursivo da luta contra a ditadura militar vigente à época no país para, novamente, amplificar vozes combativas, desta vez de mulheres, a partir de uma nova antologia, intitulada *As 29 poetas hoje*.

Pretendemos, com nossa análise, compreender como a escrita poética de uma autora escolhida na obra materializa problemas sociais do Brasil contemporâneo, além de perceber quais efeitos de sentido e inscrições ideológicas são produzidas por essa poética. Partimos da hipótese de que o discurso combativo enunciado pela poeta busca a equidade e, assim, mostra-se como mecanismo de denúncia, resistência e luta contra as opressões sofridas, em especial no momento de publicação da obra, no qual vigorava no Brasil uma ideologia liberal na economia e o fortalecimento extremamente conservador dos costumes. Também se verifica como as escolhas linguísticas diretas e até agressivas em alguns momentos buscam afastar sua produção do rótulo de poesia “feminina”, historicamente constituído no senso comum como expressão de delicadezas e amenidades.

Na próxima seção, abordamos os fundamentos e alguns conceitos centrais da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, de viés materialista, proposta por Michel Pêcheux, lugar teórico em que nos inscrevemos e cujo pensamento norteia a epistemologia e a análise da materialidade discursiva.

2. Conceitos centrais da AD materialista de Michel Pêcheux

2.1 Discurso

O conceito de discurso é um traço distintivo da AD com a linguística, pois seu objeto não é a língua, mas o discurso. Ele é um objeto histórico-social em que os elementos linguísticos atuam como pressupostos (FERREIRA, 2003). Orlandi assevera que

[...] a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma na sociedade (ORLANDI, 2020, p. 13-14).

Ferreira afirma que “[...] apoiada no discurso, a Análise do Discurso entra em ação, tentando pôr à luz o confronto do simbólico com o político” (FERREIRA, 2003, p. 196). Em conformidade, Orlandi (2020) afirma que na proposta da AD o político e o simbólico se confrontam, e essa nova forma de conhecimento fornece questões históricas apagadas pela Linguística. Às Ciências Sociais é interrogada a transparência da linguagem. A AD “[...] critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo “[...] como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2020, p. 14-15).

O discurso é, pois, o objeto da Teoria do Discurso. Ele não é o mesmo que mensagem, nem se refere apenas à transmissão de informação, tampouco diz respeito à linearidade presente nos conceitos da comunicação, em que o enunciador profere a enunciação se baseando em um código, e o seu receptor capta a mensagem e faz a decodificação. Para a AD, enunciador e receptor realizam ao mesmo tempo o processo de significação e não se apresentam separados. Dentro do exposto, a linguagem é capaz de comunicar, mas também de não comunicar, e as relações de linguagem ocorrem pelas relações entre sujeitos e sentidos, cujos efeitos são múltiplos (ORLANDI, 2020). A linguagem é percebida como opaca e, portanto, submetida à interpretação outra, à equivocidade.

A partir do discurso, é possível observar as relações entre a ideologia e a língua e os efeitos do jogo da língua na história, bem como os efeitos da história na língua. É por meio do discurso que é possível compreender como certo material simbólico produz sentidos e como sujeitos são constituídos (FERREIRA, 2003).

[...] Ao situar-se como lugar privilegiado de observação entre a língua, a ideologia e o sujeito, o discurso propicia, como bom observatório, a visualização das propriedades do complexo dispositivo teórico-analítico (FERREIRA, 2003, p. 193).

O discurso é, portanto, a materialização da ideologia pelo sujeito por intermédio da língua. Como assertado por Maldidier, o discurso “[...] não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrinacam literalmente todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15).

2.2 Ideologia/Formação Ideológica

A questão da ideologia é fundamental na Análise do Discurso de viés materialista e, nesse sentido, Louis Althusser é uma referência indispensável para Pêcheux (FIGUEIRA, 2015). O “[...] conceito de ideologia trabalhado no materialismo histórico e dialético, sobretudo com a formulação atribuída a Althusser, apresenta-se [...] pelo viés discursivo” (FERREIRA, 2003, p. 191). De acordo com Orlandi, a AD ressignificou “[...] a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 43). Ainda segundo a mesma autora, Orlandi, a própria interpretação atesta a presença da ideologia, pois “[...] não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se em questão: o que isto quer dizer?” (ORLANDI, 2020, p. 43). Ferreira (2003) contribui com a discussão ao afirmar que a ideologia é, no discurso, práti-

ca significante e surge como efeito da relação que acontece entre língua e história, processo em que são constituídos sujeitos e, também, sentidos. Ao serem interpelados pela ideologia, indivíduos tornam-se sujeitos. Orlandi assevera que “[...] a ideologia [...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2020, p. 44). A ideologia, dentro do exposto, não é ocultação, mas relação entre linguagem e mundo (ORLANDI, 2020).

É a ideologia que faz com que a interpretação seja apontada em determinada direção, por meio da relação entre a língua e a história (FERREIRA, 2003). Destarte, para pensar a ideologia, é preciso pensar a interpretação, pois para que a língua faça sentido, a história precisa intervir pelo equívoco, opacidade e espessura material do significante. Como prática de significação, a ideologia é efeito da relação necessária do sujeito, da língua e da história para que o sentido ocorra (ORLANDI, 2020).

2.3 Formação Discursiva

O conceito de Formação Discursiva (FD) é muito importante na Análise do Discurso (AD), visto que a partir dele é possível compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia (ORLANDI, 2020). De acordo com Pêcheux (2014), formação discursiva é o que, a partir de uma formação ideológica dada, numa posição em certa conjuntura dada e estabelecida pela luta de classes, “[...] determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). Ainda segundo Pêcheux (2014), os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que na linguagem representam as formações ideológicas em que eles se inscrevem.

O sentido, assim, não existe em si mesmo, mas é determinado por posições ideológicas apresentadas no momento sócio-histórico em que os discursos são produzidos. Conforme Pêcheux (2014):

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo histórico-discursivo no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas proposições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2014, p. 146-147, grifo do autor).

Os sujeitos produzem sentidos por meio das formações discursivas em que se inscrevem, FDs estas que retratam as formações ideológicas que os constituem no momento histórico em que o discurso é produzido. Os sentidos das palavras, então, não se encontram nelas mesmas, mas derivam das formações discursivas em que se inscrevem (ORLANDI, 2020). As palavras, partes dos discursos, são opacas, nunca transparentes (literais). Existe no discurso uma fresta que o torna aberto a diferentes efeitos de sentidos ou gestos de interpretação. “[...] Há sempre o incompleto, o possível pela interpretação outra. Deslize, deriva, trabalho da metáfora” (ORLANDI, 2020, p.

53). Metáfora¹ aqui definida por tomada de uma palavra por outra, que em AD consiste na transferência de sentido das palavras (ORLANDI, 2020). E, “[...] segundo Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por outra palavra, uma outra expressão ou proposição [...]” (ORLANDI, 2020, p. 42).

2.4 Interdiscurso/Memória Discursiva

Ao tratarmos de interdiscurso/memória discursiva em AD é preciso nos voltarmos inicialmente às condições de produção dos discursos, que compreendem os sujeitos e a situação. Também retorna-se à memória, pois ela é parte da produção do discurso. Em um sentido estrito, as condições de produção são o contexto imediato e, em sentido amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2020).

Para Orlandi (2020), a memória discursiva, quando pensada em relação ao discurso, é o interdiscurso.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2020, p. 29).

Figueira aponta para a definição de interdiscurso, na formulação de Pêcheux, como um “[...] ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas (PÊCHEUX, 1997, p. 162)” (FIGUEIRA, 2007, p. 33). Ainda segundo Figueira, o interdiscurso é, assim,

[...] o universo das coisas ditas (escritas, registradas, enunciadas, repetidas, transformadas), no interior do qual podem ser delineados ‘espaços de reformulação-paráfrase’ (Pêcheux) nos quais se dá a configuração dos sentidos, por referência ao todo complexo com dominante das formações ideológicas (FIGUEIRA, 2007, p. 33).

De acordo com Pêcheux, o interdiscurso é “[...] submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação” (PÊCHEUX, 2014, p. 149) que “[...] caracteriza o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 149). Ainda conforme Pêcheux (2014), o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e conecta elementos discursivos que se constituíram pelo interdiscurso na forma de pré-construído. Essa é, portanto, a matéria-prima em que o sujeito se constitui como “sujeito falante” – assujeitado pela ideologia.

O interdiscurso é engendrado discursivo-ideologicamente pela memória discursiva – o já-dito, escrito, repetido, transformado (FIGUEIRA, 2007) e pelo pré-construído, o “[...] ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica, que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)” (PÊCHEUX, 2014, p. 151). Os sujeitos do discurso, afetados (atravessados, constituídos) pelo interdiscurso, produzem efeitos de sentidos nas enunciações.

Após apresentarmos os conceitos teóricos da AD pecheutiana, caracterizamos, a seguir, o *corpus* deste estudo.

3. Caracterização do *corpus*

O nosso *corpus* é constituído por um poema que faz parte da antologia *As 29 poetas hoje* (Hollanda, 2021a), escolhido a partir de um *recorte*, porção de uma situação discursiva (ORLANDI, 1984), cujo tema se enquadra em fissuras sociais e de gênero. A obra contemporânea, composta por 129 poemas de diferentes poetisas mulheres, foi organizada pela professora Heloisa Buarque de Hollanda e publicada no ano de 2021. Trata-se, a propósito, de uma homenagem aos 45 anos da publicação de *26 poetas hoje* (Hollanda, 2021a), obra também organizada por Hollanda e que marcou o período da ditadura militar no Brasil, abrindo caminho para que o movimento da Poesia Marginal se estabelecesse como marco histórico brasileiro e figurasse no cânone literário do país. Em *As 29 poetas hoje*, Eloisa Hollanda mira a diversidade: estão presentes na obra poesias de mulheres periféricas, pretas, brancas, indígenas, trans, cis, hétero, lésbicas, de diversos lugares do Brasil (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Isso posto, a escolha da antologia como objeto de pesquisa foi presidida pela sua importância como meio de amplificação de vozes de resistência e revolta no panorama histórico-social de violência, pobreza e tentativa constante de subjugação vivenciado pelas mulheres – fissuras sociais do Brasil contemporâneo.

O poema que constitui o nosso *corpus* é intitulado “Universo das saias”, de Elizandra Souza. É apresentado na obra de forma escrita e, também, de forma oral; para a última é possível acessar o vídeo da declamação pela poeta a partir de um QR-Code.

4. Análise da poesia “Universo das saias”

4.1. Condições de produção

A autora Elizandra Souza nasceu na periferia de São Paulo, em 1983, e cresceu em uma pequena cidade da Bahia. De volta a São Paulo, em 1996, inicia seu diálogo com a cultura hip-hop. Era frequentadora dos Saraus da Cooperifa e participou do jornal *Becos e Vuelas*, cujo objetivo era fornecer visibilidade à cultura periférica. Em 2006, ingressou no curso de jornalismo. É criadora da fanzine de poesia *Mjiba*, que circulou entre 2001 e 2005 (LITERAFRO, 2022).

A poesia, para a autora, é uma forma de demonstrar sua condição étnica e de gênero, sem precisar usar tais termos. Consciente da herança escravocrata das mulheres negras e do peso do entrelaçamento entre discriminação de classe, gênero e etnia, compreende e vivencia as dificuldades de sua condição de mulher preta, seja pelo pouco espaço para a publicação dos seus livros, seja pelo pequeno reconhecimento em saraus. De modo contrário ao que ocorre com os homens, sempre incentivados a sonhar o mais alto possível (LITERAFRO, 2022).

Como já expressado, o poema “Universo das Saías” foi publicada no ano

de 2021. Nesse ano, o Brasil vivenciava um momento histórico sequencial às lutas iniciadas pelas mulheres em 2018 no movimento #EleNão – maior manifestação de mulheres na história do Brasil – contra o então candidato a presidente, Jair Bolsonaro, que não escondia à época, nem atualmente, sua misoginia (BBC NEWS BRASIL, 2018).

As mulheres, naquele período, demonstraram a força que têm juntas. A publicação da antologia ocorre, assim, nessa seara de luta e resistência, pois, apesar de não estarmos vivendo em uma ditadura, muito se perdeu e vem sendo destruído no que diz respeito aos direitos fundamentais das mulheres. E, embora no momento histórico da publicação da obra a censura não ser uma prática institucionalizada de estado e a publicação e circulação dela ter ocorrido normalmente, outras formas de silenciamento e descrédito às mulheres e ao feminismo aconteciam.

[...] a estrutura patriarcal da nossa sociedade opera criando imagens, ideias sobre as mulheres boas, as que têm valor, as que devem ser protegidas e cuidadas. [...] Não preciso dizer que a “mulher” a ser protegida e cuidada é branca, cisgênero, heterossexual e que deve ser mãe. Como decorrência, o lugar por excelência para a mulher é a família, seu ponto de partida e de chegada (GOUVEIA, 2021, s. p.).

É na construção, apresentação e repetição de um certo efeito de sentido pela ideologia dominante – e que, ao longo dos anos, tem sido especialmente interessante ao patriarcado e ao capitalismo – que o lugar de silenciamento e subjugação da mulher tem sido construído e reafirmado durante a história, sem que muitas delas sequer tenham acesso à consciência da (falsa) transparência desse sentido – machista, conservador e retrógrado – para que possam se rebelar.

A antologia se apresentava, pois, como uma forma de resistência às perdas já ocorridas naquele período histórico com a eleição de Jair Bolsonaro, cujo desmonte de políticas públicas para as mulheres e de construção ideológica de deslegitimação à igualdade de gênero, ao feminismo e às lutas históricas das mulheres era e ainda é uma constante.

As declarações do governo [...], além de representarem uma contraproposta aos conteúdos de documentos internacionais sobre direitos humanos e igualdade de gênero (podendo algumas figurar como crimes dentro do próprio ordenamento jurídico brasileiro), têm um peso simbólico inferido que se plasma pragmaticamente nas práticas de governo que vêm sendo consumadas. O discurso criado em torno ao gênero oculta propósitos assertivos de despromoção da igualdade de gênero (rebatizada por “ideologia de gênero”), indo além do seu mero caráter de ferramenta de discurso político (CUNHA, 2020, p. 50).

“Universo das saias”, perante o abordado, convoca-nos a lutar pela ampliação de políticas públicas educacionais de reparação, como a Lei de Cotas, para o acesso das jovens pretas e periféricas aos espaços de conhecimento, as universidades.

O antirracismo só será uma realidade no Brasil quando as desigualdades econômico-sociais forem mitigadas. Ele precisa ser percebido, sobretudo, como parte da luta de classes, ou seja, mais do que apenas respeito à especificidade étnico-racial, o mínimo esperado na relação social entre sujeitos civilizados.

4. 2. Análise qualitativa e interpretativa da poesia

Universo das saias

(Elizandra Souza)

Saias!

Saia!

Aia!

De saias, elas despem as aias!

Arrumam o turbante

Sai com os olhos brilhantes...

Despedem da mucama...

Com um tapa estalado na face da Sinhá!

Ela passou de Aia a universitária!

Saiu dos cômodos do lar para os caminhos das alamedas

Saia, que a mulher de saias, além de passar, permanecerá

(HOLLANDA, 2021a, p. 60).

O título do poema, “Universo das saias”, remete-nos, pelo interdiscurso, a um lugar de mulheres ou de coisas de mulheres, cuja marcação de gênero ocorre a partir do significante “saias”. Essa vinculação “saias/mulheres” nos parece, de certa forma, uma contradição à natureza feminista da antologia, que pretende afastar as produções nela presentes do rótulo de “poesia feminina”, constituído historicamente como expressão de delicadezas. Percebemos, assim, o efeito de estranhamento. Ernst-Pereira (2009) afirma que o *estranhamento* é

[...] [uma] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do êx-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia do significante, marcando uma *desordem* no enunciado (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 5).

Constituição semelhante de significação (feminina/delicada) tem o significante “saia”, o que demonstra o efetivo trabalho da ideologia, que cria uma (falsa) transparência de sentido (há saia, há mulher/ mulheres usam saia/ saia é uma roupa de mulher) em que existe opacidade, mesmo no discurso de alguém (a poeta) que faz parte de um espectro mais progressista da sociedade. Mais uma vez, o efeito de estranhamento ocorre.

O primeiro verso do poema é composto apenas pelo significante “saias”, que pode ser interpretado como a forma verbal do presente do subjuntivo na segunda pessoa do singular (saias), ou como o substantivo “saia” (peça do vestuário das mulheres) no plural. Ao juntarmos esses dois efeitos de sentido, percebemos outro: o simbólico passa a ser o imperativo “saia, mulher!/saíam mulheres! (gênero marcado por ‘saias’)”.

O deslize de sentido do significante “saias” do substantivo para o verbo nos parece uma maneira de expressar uma ordem ou clamor para que a(s) mulher(es) se mova(m), saia(m) de onde está(ão) – lugar que existe historicamente como processo contínuo da sociedade para subjugar-la(s). O ponto

de exclamação que acompanha o significante “saia” reforça essa percepção da ordem/clamor e contribui para o sentido de ênfase, urgência e/ou de grito.

No segundo verso, a poeta utiliza o significante “saia”. Mais uma vez, temos a possibilidade de deslizamento de sentido entre o verbo “sair”, dessa vez na terceira pessoa do imperativo afirmativo (saia), e o substantivo “saia”. De forma semelhante ao primeiro verso, ao pensarmos nas duas possibilidades de significado em conjunto, percebemos o simbólico “saia, mulher”, desta vez mais direcionado a alguém, como se a poeta tivesse uma interlocutora específica em vista ou como se tentasse falar de forma mais próxima e dirigida do que no verso anterior. O ponto de exclamação, também usado no segundo verso acompanhando o significante “saia”, proporciona uma imagem de clamor, ordem, ênfase, urgência e/ou grito para que essa mulher saia de onde está.

O terceiro verso, como os dois anteriores, é constituído de apenas um significante, o substantivo feminino “Aia” acompanhado do ponto de exclamação, que mais uma vez fornece a noção de ênfase, urgência e clamor. Aias são mulheres que cuidam da educação e criação de crianças de famílias ricas ou nobres. Em nossa percepção, esse verso se conecta com o anterior (segundo), apresentando uma noção de continuidade ao nomear aquela que deve sair/mudar de lugar: a aia. Percebemos, aqui, a ação da memória discursiva, pois, de modo histórico no Brasil, as aias são mulheres negras (AGÊNCIA BRASIL, 2022), como é negra, também, a autora do poema.

O quarto verso, “De saias, elas despem as aias!”, remete ao movimento, à ação das mulheres (gênero marcado pelo significante “saia”) que tiram as roupas de aias, ou seja, saem do lugar social de cuidadoras dos filhos das elites, constituído social, histórica e ideologicamente como aquele que a mulher preta deve ocupar. O ponto de exclamação remete a um grito de resistência ao que estava posto (o lugar de submissão, do não sonhar, da imobilidade social) e, também, de alegria, esse último marcado discursivamente no poema pelos versos que aparecem na sequência: “Arrumam o turbante/ Sai com os olhos brilhantes”.

Na sequência “Arrumam o turbante”, percebemos a expressão da cultura negra, visto que o turbante é um símbolo da ancestralidade africana. O verbo “arrumam”, utilizado pela poeta na terceira pessoa do plural, proporciona um efeito de sentido que aponta que o acontecimento ocorre com mais de uma mulher, ou seja, que mulheres negras, naquele momento histórico da escrita da poesia, tinham a oportunidade de sair do lugar de aias.

Em nossa interpretação, o sexto verso, “sai com os olhos brilhantes”, tem conexão com o anterior na construção de um efeito de sentido que aponta para um orgulho étnico/racial, ao mesmo tempo em que remete ao brilho no olhar de quem está saindo de um lugar predeterminado pelo patriarcado à mulher, especialmente a preta.

No sétimo verso, “Despedem da mucama...”, o verbo “despedir”, conjugado na terceira pessoa do plural, aponta para um efeito de sentido que assinala a troca de papéis das mulheres pretas deixando o lugar de servidão. Neste contexto, o substantivo “mucama” indica, a partir da mobilização da memória discursiva/interdiscurso, o período da escravidão no Brasil, pois as mucamas eram as criadas negras ou escravas desse período.

O oitavo verso, “Com um tapa estralado na face da Sinhá!”, parece apontar para uma espécie de retribuição da violência a que os negros foram submetidos no passado e que ainda se faz ver hoje; violência não apenas física, mas toda forma de subjugação, de preconceito, de falta de oportunidades, de desigualdade social, de falta de acesso à educação e a permanência nessa estrutura de desenvolvimento em várias camadas da existência – o que alude à herança do passado escravagista brasileiro. O adjetivo “estralado”, que acompanha o substantivo “tapa”, remete à força de uma violência que é retribuída, ao produzir o efeito de sentido do som alto, proveniente da agressão física. Parece demonstrar a ferida da escravidão, ainda aberta e sangrando na sociedade brasileira, e suas consequências devastadoras para o povo negro, especialmente para as mulheres negras, consequências estas que se materializam na desigualdade social e na segregação. É preciso observar neste verso em específico o papel do patriarcado e do machismo agindo na disseminação de uma ideologia em que as mulheres devem competir entre si e se voltarem umas contra as outras, e aí está uma transparência ideológica que ainda hoje vigora. Há estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2009), afinal, a poeta se volta contra a Sinhá e não contra o Senhor. E, colocando em perspectiva as diferenças de tratamento, ou seja, guardando as devidas proporções entre a aia e a Sinhá, a última era também subjugada pelos homens, os Senhores.

Já caminhando para o final do poema, no nono verso, “Ela passou de Aia a universitária!”, o ponto de exclamação fornece o tom de celebração pela oportunidade dessa mulher preta chegar à universidade, pois, em um país desigual como o Brasil, cursar o ensino superior é uma das poucas formas de mobilidade/ascensão social. A Análise de dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua Anual mostra que as mulheres negras eram em 2019 (dois anos antes da publicação da antologia) o grupo mais numeroso nas universidades públicas brasileiras – 27% dos estudantes do ensino superior (ANDIFES, 2021). É preciso dizer que, apesar de alguns avanços no acesso das pessoas negras à universidade, no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2021, ano ainda afetado sobremaneira pela pandemia de Covid-19, houve redução de 7,5 pontos percentuais na participação deste público nesta avaliação que é a porta de entrada ao ensino superior (CNN BRASIL, 2021). Quanto à permanência dos alunos nas universidades, a política de sucateamento, gestada e executada pela gestão federal de extrema direita de Jair Bolsonaro, por meio dos constantes e grandes cortes de verbas da educação, tem feito com que o sonho da graduação e pós-graduação finde para os jovens das classes menos abastadas, que dependem das políticas públicas de assistência estudantil para permanecerem estudando (TAB UOL, 2022).

A escolha do verbo “passar” na terceira pessoa do singular – “passou” – parece retomar, a partir da memória discursiva, a construção “passou no vestibular/passou no ENEM”, ao mesmo tempo em que pode se deslocar e parece demonstrar a transformação de um sujeito em outro – ela era aia e agora é universitária – dores de um passado e presente que podem ser modificados pela perspectiva de um futuro diferente por meio do acesso à universidade.

Na sequência, o verso “Saiu dos cômodos do lar para os caminhos das

alamedas” parece fornecer continuidade à construção do simbólico iniciado no verso anterior – ela, a mulher negra, não é mais aia (“saiu dos cômodos do lar”), ela é hoje uma universitária (“para o caminho das alamedas”). Neste verso, a poeta volta a abordar uma mulher em específico, mesmo que não a cite nominalmente (fazendo a referência pela forma verbal “saiu”, conjugada na terceira pessoa do singular). Pensamos se tratar dela própria, de sua trajetória da periferia ao jornalismo (LITERAFRO, 2022).

O significante “caminho das alamedas” parece remeter a dois efeitos de sentido. O primeiro, a uma estrada arborizada que se percorre, local que se assemelha aos campi universitários. O segundo efeito aponta para o futuro: novos caminhos, novas possibilidades de vida que podem surgir pelo ingresso dessa mulher no ensino superior.

Encerrando o poema, no último verso, “Saia, que a mulher de saias, além de passar, permanecerá”, a poeta utiliza o imperativo afirmativo do verbo “sair” – “saia”, ordenando a alguém não explicitado nominalmente (o efeito de sentido nos leva ao simbólico “homem branco”) que saia, pois esse lugar pertence a uma certa mulher preta (singular). Mais uma vez a autora procura especificar/marcas com o artigo “a” uma certa mulher, aquela que “arruma o turbante”, ou seja, a mulher preta, possivelmente ela mesma. O não retorno à realidade anterior, de aia, é marcado discursivamente quando a poeta diz que “a mulher de saias, além de passar, permanecerá”. O efeito de sentido, assim, aponta para o desejo de permanência da mulher preta nesse lugar, a universidade, que antes era ocupado majoritariamente por homens brancos em seu privilégio étnico-racial e de gênero.

5. Aspectos conclusivos

Tendo em mente que o discurso é aberto a diferentes significações, anotamos neste artigo os efeitos de sentido que obtivemos após procurarmos amiúde em nossa materialidade discursiva pistas, indícios, marcas, ruídos e silêncios que significam, afinal “[...] a interpretação não pode ser qualquer uma nem toda [...]” (SOUSA; GARCIA; FARIA, 2013, p. 100). Buscamos regularidades, repetições e faltas. Atentamo-nos à “[...] linguagem de desvio, da falha e do vacilo, daquilo que re(in)siste [...]” (SOUSA; GARCIA; FARIA, 2013, p. 97).

Neste caminho de procura, a análise nos mostrou que a violência do período escravocrata ainda sangra o Brasil, e a vingança desse tempo pode ser percebida na subjetividade dessa enunciativa-poeta, que em sua posição-sujeito de mulher-preta-mucama “dá um tapa estalado na cara da Sinhá” ao se libertar do serviço doméstico e partir para a universidade.

A esperança pela mobilidade/ascensão social por meio da educação universitária dessa mulher preta foi outro ponto que pudemos observar na análise da materialidade poética. Ela saiu dos “cômodos do lar” não apenas para estar, mas para permanecer nos “caminhos das alamedas” (universidades), atestando uma mudança de perspectiva de vida.

Observamos, também, pelo estranhamento, que apesar da formação discursiva/ideológica da enunciativa se apresentar, na materialidade, em conflito, luta e resistência à ideologia dominante – neoliberal e conservadora –, na construção poética estão presentes fragmentos dessa mesma

ideologia. Ao se voltar contra a “Sinhá” e não contra o “Senhor”, ocorre a reprodução do machismo. O mesmo acontece na utilização do significante “saías” para se referir à(s) mulher(es), cujos efeitos de sentido mais comuns ao substantivo (no singular ou no plural) se referem à expressão de delicadeza, feminilidade e até fragilidade, rótulos dos quais as mulheres feministas e a própria natureza da antologia de poemas, organizada por uma militante do feminismo no Brasil, pretendem se afastar.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país.** 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais>. Acesso em: 08 ago. 2022.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Trabalho, renda e moradia: desigualdades entre brancos e pretos ou pardos persistem no país.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>. Acesso em: 13 ago. 2021.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Síntese de indicadores sociais: em 2020, sem programas sociais, 32,1% da população do país estaria em situação de pobreza.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/32418-sintese-de-indicadores-sociais-em-2020-sem-programas-sociais-32-1-da-populacao-do-pais-estariam-em-situacao-de-pobreza#:~:text=Mulheres%20pretas%20e%20pardas%20tinham,8%2C8%25%2C%20respectivamente>. Acesso em: 12 ago. 2022.

ANDIFES. **Mulheres negras são hoje maior grupo nas universidades públicas do país.** 2021. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=89578>. Acesso em: 08 ago. de 2022.

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BBC NEWS BRASIL. **#EleNãO: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos.** 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CNN BRASIL. **Com pandemia, participação de negros no ENEM cai 7,5 pontos percentuais.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/com-pandemia-participacao-de-negros-no-enem-cai-75-pontos-percentuais/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência. **Revista de Estudos Brasileños**, v. 7, n. 14, p. 49-61, 2020.

ERNEST-PEREIRA, Aracy. **A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/Interpretação do Corpus Discursivo**. 2009. Trabalho apresentado no IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD, Porto Alegre, 2009.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003.

FIGUEIRA, Luís Fernando Bulhões. **Atravessamentos polêmicos em estudos literários**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2007. 244f.

FIGUEIRA, Luís Fernando Bulhões. **O althusserianismo em Linguística: a teoria do discurso de Michel Pêcheux**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **“As 29 poetas hoje” traz voz explosiva de mulheres que viram no corpo uma luta**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/02/as-29-poetas-hoje-traz-voz-explosiva-de-mulheres-que-viram-no-corpo-uma-luta.shtml>. Acesso em: 22 out. 2021.

GOUVEIA, Taciana. **Políticas para as mulheres no governo Bolsonaro: notas para reflexão**. 2021. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2021/02/26/politicas-para-mulheres-no-governo-bolsonaro-notas-para-reflexao#:~:text=%C3%89%20sempre%20bom%20recordar%20que,que%20t%C3%AAm%20valor%2C%20as%20que>. Acesso em: 13 ago. 2022.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **26 poetas hoje**: Antologia [1976]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

IBGE. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

LITERAFRO. **Elizandra Souza**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1054->. Acesso em: 24 de jun. 2022.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje.** Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2003.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 22, n.9, set., p. 3077-3086, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxD-FyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni. **Segmentar ou recortar? Linguística: questões e controvérsias.** Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

OXFAM. **An economy that works for women: achieving women's economic empowerment in an increasingly unequal world.** 2017. Disponível em <https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/bp-an-economy-that-works-for-women-020317-en.pdf>. Acesso em 13 de agosto 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SOUSA, L. M.; GARCIA, D. A.; FARIA, D. O. O paradigma indiciário, língua-concha, recorte e funcionamento: a metodologia em AD. **Línguas e Instrumentos Linguísticos.** Campinas, SP, n. 32, p. 93-108, jul./dez. 2013.

TAB UOL. **Estudar ou comer? Com crise e sem bolsa, jovens desistem de fazer faculdade.** 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/08/03/o-sonho-acabou-cada-vez-mais-jovens-desistem-das-universidades-federais.htm>. Acesso em: 05 ago. 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo: para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.